

RESEÑAS

PESSOA HUMANA E MOVIMENTO UMA ANÁLISE FILOSÓFICA-ANTROPOLÓGICA À CONDUÇÃO DOS JOVENS

*HUMAN PERSON AND MOVEMENT A PHILOSOPHICAL-
ANTHROPOLOGICAL ANALYSIS OF YOUNG PEOPLE'S DRIVING*

Reseña de: AA.VV., *Les jeunes au volant*, Ed. David Le Breton, Éditions Érès, Toulouse, 2022, 264 pp.

EUGÉNIO LOPES

UNED

Calle de Bravo Murillo, 38. 28015

Madrid, España

lopes_eugenio@hotmail.com

ORCID: 0000-0001-8474-3538

Recibido: 18/09/2023

Aceptado: 30/01/2024

Quando se fala de filosofia, pode-se também falar da antropologia e do movimento. Conjugando estes termos, costuma-se dizer que a pessoa humana tem pernas a fim de poder deslocar-se, pelas mais variadas razões, de um lugar a outro; ou que ela pode deslocar-se porque tem pernas. Ora, ao longo da história, devido ao facto de várias questões sociais terem ‘imposto’, de diferentes formas, que a pessoa humana tivesse de deslocar-se com mais velocidade e num menor período, aliado ao crescente e continuo avanço tecnológico, ela começou gradualmente a abicar de usar os seus membros inferiores para deslocar-se, mesmo num curto espaço, criando, assim, meios que permitissem concretizar tal demanda. Isto refletese, com mais claridade, por exemplo, na criação do automóvel, que, deste então, levantou várias questões antropológicas e sociológicas na comunidade científica.

Quando se fala do automóvel, deve-se também analisá-lo e relacioná-lo com os jovens, algo que também pode ser objeto de reflexão filosófica-antropológica-

sociológica. De facto, por exemplo, as estatísticas mostram que a maioria dos acidentes são cometidos pelos jovens, em particular do sexo masculino. Assim, tendo-se dedicado ao longo de vários anos a investigar sobre a juventude e o automóvel, o Antropólogo, David Le Breton, decidiu conjugar, pela primeira vez e de forma mais abrangente, estes dois tópicos, dirigindo e editando a obra supracitada, que conta também com vários artigos de outros investigadores, de diferentes áreas do saber, que relacionam estas duas realidades sob diferentes angulaturas e prospetivas.

Para tal, Le Breton dividiu a obra em duas partes, ambas com oito capítulos, intituladas respetivamente de “Inquérito aos jovens condutores” e “Jovens ao volante”¹. Assim, no primeiro capítulo, intitulado de “Aprender a conduzir: transmissão e aprendizagem”, da autoria do próprio David Le Breton, o autor identifica, analisa e descreve quem são de facto as pessoas que mais modelam e condicionam a nossa forma de conduzir e de que modos. Já no segundo, intitulado “Da obtenção da carta de condução ao uso do automóvel”, Le Breton mostra como a obtenção da carta de condução marca a passagem da fase adolescente à fase adulta. Aqui também não só relaciona o automóvel com o seu proprietário como também tece uma descrição à condução propriamente dita, bem como enumera algumas vantagens e desvantagens de possuir um automóvel.

Posteriormente, no terceiro capítulo, intitulado de “A emergência de conduzir um automóvel”, de Jocelyn Lachance, a autora descreve os momentos que antecedem e que sucedem à obtenção da carta de condução. Neste sentido, neste capítulo, Lachance analisa, de diferentes formas, como o candidato se prepara para a obtenção da licença e os vários fatores que podem interferir, positiva e negativamente, na sua obtenção e os momentos posteriores a tal. Já no quarto, intitulado “Os excessos na estrada”, de Maxime Duviau, o autor descreve não só os motivos que fazem com que os jovens se excedam na condução, como também, em resposta a tal, enumera algumas ‘virtudes’ do bom condutor. Neste sentido, identifica também as principais causas dos acidentes, como também alguns imprevistos que podem ocorrer no trajeto.

Sucessivamente, no quinto capítulo, intitulado de “A escolha da condução automóvel entre os jovens: mobilidade e tensões no espaço público na região de Paris”, de Mara Sierra Jimenez, a autora, como o próprio título sugere, analisa os fatores que motivam a que os jovens escolham um automóvel em detrimento do outro, bem como a condução propriamente dita na cidade parisiense. Já no sexto, intitulado de “Racionalização dos trajetos e sentimento de liberdade na condução dos jovens: a estrada e a autoestrada”, a mesma autora, como o título transparece, enumera e caracteriza as principais diferenças entre conduzir na estrada e na autoestrada.

¹ As traduções ao português foram feitas por mim.

Em seguida, no capítulo sétimo, intitulado “Os Companheiros digitais na estrada”, de “Jocelyn Lachance”, a autora enumera e descreve os vários dispositivos digitais que frequentemente podemos encontrar nos automóveis e de que forma eles podem interferir no ambiente interno do automóvel bem como na condução propriamente dita do jovem automobilista. Já no oitavo, intitulado de “Avaliação dos jovens das campanhas de prevenção”, de Maxime Duviau, o autor não só enumera as principais causas de acidente, como também descreve algumas medidas preventivas que se podem adotar a fim de diminuir o número de acidentes, bem como as vantagens e as desvantagens de uma face à outra.

Posteriormente, no nono capítulo, o primeiro da segunda parte, intitulado de “Os jovens e o automóvel”, de Daniel Marcelli, o autor não só descreve um pouco a história do automóvel, como também as várias funcionalidades do automóvel, destacando, neste sentido, algumas das suas vantagens e desvantagens com relação aos outros meios de transporte. Já no décimo, intitulado de “Os jovens e a condução: um desejo sob constrangimentos”, da autoria de Hervé Marchal, o autor analisa e descreve as várias gerações jovens ao longo da história relacionando-as simultaneamente com o automóvel. Aqui ele também relaciona o automóvel com os jovens condutores das aldeias e das cidades, como também descreve as vias das aldeias e das cidades.

Sucessivamente, no décimo primeiro capítulo, intitulado de “A formação e a educação para influenciar as atitudes dos jovens condutores”, da autoria de Gérard Hernja, o autor, como o próprio título evidencia, descreve de que forma se pode formar e educar de melhor forma os jovens condutores. Já no décimo segundo, intitulado de “Conduzir também é habitar. Olhar etnossociológico sobre a relação das gerações mais jovens com o automóvel”, da autoria de Hervé Marchal, o autor analisa como o automóvel vai mais além de ser apenas um meio de transporte, descrevendo, assim, o ambiente interno que se cria dentro do próprio automóvel e de que forma ele contribui na formação e na sedimentação da identidade do jovem.

Em seguida, no capítulo décimo terceiro, intitulado de “Os Jovens brasileiros viciados na velocidade: corridas ilegais de automóveis e motos”, da autoria de Leila Jeolás, a autora, como o título evidencia, analisa algumas corridas ilegais que são promovidas pelos jovens brasileiros em algumas partes do seu país. Já no décimo quarto, intitulado de “Jovens ao volante? As diferenças de sexo na relação com o automóvel entre os jovens na França desde a década de 70”, da autoria de Yoann Demoli, o autor analisa, descreve e distingue a condução dos jovens do sexo masculino das jovens do sexo feminino.

Posteriormente, no capítulo décimo quinto, intitulado de “Sono, ritmos e cansaço em relação à estrada nas gerações mais jovens”, da autoria de Carmen Schröder e Stéphanie Bioulac, os autores analisam, como o título evidencia, de que modo os fenómenos do sono e do cansaço interferem e condicionam a

condução dos jovens. Finalmente, no capítulo décimo sexto, intitulado de “Juventude e automobilismo no século XXI: o fim da história do álcool forte?”, da autoria de Mathieu Flonneau, o autor mostra de que forma o álcool, todavia, é o maior ‘inimigo’ dos jovens condutores.

Dos vários pontos positivos que se podem destacar nesta obra, gostaria de mencionar os seguintes. Metodologicamente falando, o primeiro consiste no facto de a obra não só conter contribuições de investigadores de várias áreas do saber como também, fruto de tal, estabelecer um diálogo interdisciplinar entre várias áreas científicas, em particular entre a filosofia, a biologia, a psicologia, a história, a neurociência, a sociologia, a política, a medicina e a educação. Um outro ponto interessante da obra, todavia com relação ao método, reside no facto de ter-se recorrido a dados estatísticos, bem como ao testemunho de várias pessoas, a fim de os autores corroborarem as suas ideias.

Com relação ao conteúdo propriamente dito, sobretudo do ponto de vista filosófico-antropológico, destaca-se principalmente na obra que se tenha mostrado que os modelos que os jovens adotam, voluntária ou involuntariamente, condicionam em grande medida não só a formação da sua personalidade como também interferem posteriormente, de forma positiva ou negativa, no seu tipo de condução. Neste sentido, sobressai também na obra que se tenha defendido que frequentemente a má condução, ou uma condução irresponsável, por parte dos jovens provém do mau exemplo de esses modelos. Assim, destaca-se também nela que se tenha defendido a necessidade de formarem-se bons instrutores, não só do ponto de vista intelectual e técnico, mas também humano, a fim de formarem-se bons condutores.

Destaca-se de igual modo na obra que se tenha analisado a história do automóvel, como também de que forma ele se foi implementando nas nossas sociedades, ao ponto de atualmente ser considerado como um meio de transporte indispensável. Nesta linha, foi também importante ter-se identificado e descrito as principais funções do automóvel, sobretudo, no que diz respeito ao movimento.

Um outro ponto interessante, do ponto de vista filosófico-antropológico, da obra faz referência a que se tenha mostrado uma componente objetiva e subjetiva com relação à escolha do automóvel e à condução. Neste sentido, destaca-se também que se tenha indicado que o automóvel vai mais além de ser apenas um meio de transporte para os jovens. De facto, o automóvel consiste também num meio onde os jovens podem construir um ambiente, um habitat, ao seu gosto e, ao mesmo tempo, criar e fomentar a sua identidade, bem como conservar a sua privacidade.

Do ponto de vista filosófico-antropológico, a obra também prima pelo facto de se ter enumerado e analisado quais são os motivos que levam a que os jovens optem (ou não) por tirar a carta de condução; que fazem com que optem (ou

não) por comprar um automóvel; e que os conduzem a comprar um certo modelo em detrimento de outros.

Destaca-se também na obra que se tenha relacionado o automóvel com os outros meios de transporte, inclusive com o caminhar em si, algo que também pode ser objeto de estudo da antropologia filosófica, mostrando-se, desta forma, as vantagens e desvantagens de um com relação ao outro. Destaca-se igualmente que se tenha analisado e confrontado as vias das aldeias com as das cidades e as estradas nacionais com as autoestradas, mostrando-se, assim, as vantagens e as desvantagens de conduzir-se numa com relação à outra.

Nesta linha, convém também salientar-se como ponto positivo da obra que se tenha analisado a condução propriamente dita de uma grande metrópole, como por exemplo da cidade de Paris, mostrando-se assim também as vantagens e desvantagens de usar-se o automóvel como meio de transporte com relação aos outros meios de transporte.

Do ponto de vista filosófico-antropológico, considera-se de igual modo relevante na obra que se tenham analisado não só os inconvenientes e os perigos mais frequentes que tendem a ocorrer quando se conduz, como também as principais causas dos acidentes. Neste sentido, foi fundamental que na obra se tivessem também analisado as várias medidas e políticas de prevenção a fim de diminuir consideravelmente o número de acidentes.

Destaca-se também na obra que se tenham analisado e comparado não só os veículos, as vias, os trajetos e a condução dos jovens ao longo da história, como também, cronologicamente falando, se tenham descrito as principais diferenças existentes entre a condução dos jovens do sexo masculino e do sexo feminino.

Um outro ponto importante do ponto de vista filosófico-antropológico que convém realçar na obra é o facto de se ter relacionado os jovens com o automóvel e algumas competições automobilísticas. Porém, neste sentido, a obra, todavia, ganhou mais profundidade ao ter-se dedicado a analisar e a descrever algumas competições ilegais que são promovidas pelos jovens. Assim, destaca-se também que se tenham estudado os motivos que conduzem muitos jovens a abarcar em tais aventuras, que muitas vezes, infelizmente, terminam na morte pelo menos de um dos 'pilotos'.

Quando se conjuga a antropologia e o movimento, deve-se também conjugar os jovens e o automóvel, respetivamente, sob diversas angulaturas. Neste sentido, penso que esta obra, editada pelo renomado Antropólogo, David Le Breton, e que conta com a participação de autores das mais variadas áreas do saber, nos ajuda a compreender de forma clara e precisa esta mesma relação e o seu impacto nas sociedades hodiernas, também do ponto de vista filosófico-antropológico. Neste sentido, se me é permitido, gostaria, uma vez mais, de encorajar o autor (bem como também à sua equipa) a continuar com os seus bons trabalhos de investigação, como tão bem nos tem habituado.